



## 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade

Sub-Eixo: Ênfase em Geração

### EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO: IDENTIFICANDO OS FIOS QUE TECEM O TECIDO VIVO DA HISTÓRIA

Estela Saléh da Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** O momento contemporâneo de “expropriação social”, sobretudo as discussões em torno dos direitos previdenciários e da sua “contrarreforma” que tem como defesa o envelhecimento da população brasileira, desconsiderando a velhice como uma construção sócio-histórica e o próprio “tempo histórico” justificam o resgate neste artigo das reflexões realizadas para a construção da minha Dissertação em Serviço Social.

**Palavras-chave:** Processo de Envelhecimento; Memória; Classe social; Políticas Públicas.

**Abstract:** The contemporary moment of "social expropriation", above all the discussions on social security rights and its "counter-reform" that defends the aging of the Brazilian population, disregarding old age as a socio-historical construction and the "historical time" itself justify the rescue in this article of the reflections made for the construction of my Dissertation in Social Service.

**Key words:** Aging Process; Memory; Social class; Public policy.

#### INTRODUÇÃO:

No Brasil, o processo de transição demográfica caracteriza-se pela rapidez com que o aumento absoluto e relativo das populações adulta e idosa modificou a pirâmide etária nacional. Como salienta Haddad (1986), embora o aumento da população idosa possa sugerir uma melhoria na qualidade de vida no país, a forma como o Brasil está “envelhecendo” reflete as históricas desigualdades aqui consolidadas. Ou seja, o processo de envelhecimento reproduz as desigualdades que se estabelecem na sociabilidade humana, de acordo com diferenciações de ordem social, econômica, política, cultural, étnica, sexual, geracional e espacial. A velhice, entendida a partir dessa concepção, não é uma generalização, no singular; mas, como observa Beauvoir (1990) “*velhices*”, pois há diferentes e desiguais velhices. Assim, mais que um fenômeno natural, biológico e orgânico, a velhice é um fenômeno social, econômico, político, cultural, espacial etc., multifacetado que se engendra nas relações de produção e reprodução social.

Ao considerar as colocações anteriores e pautando-nos nelas é que este artigo se estrutura, tendo por objetivo resgatar o papel da memória enquanto constructo da

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, E-mail: estelasaleh@yahoo.com.br.

identidade dos homens e mulheres velhos, a partir da compreensão da heterogeneidade do processo de envelhecimento; e como questão norteadora, o caráter público e, portanto, coletivo do processo e da velhice, ou ainda, a busca pelo distanciamento da visão da questão do envelhecimento como uma questão particular, homogênea, definindo-a como uma questão pública e heterogênea. Assim, partimos da identificação da “memória/experiência” como construção da identidade social dos sujeitos, apreendendo-a enquanto “memória revolucionária” com potencialidade para transformar e ser instrumento de compreensão do presente e de projeção do futuro. E traçamos algumas considerações sobre o valor dessa “memória/experiência” dos homens e mulheres que envelhecem enquanto nossos contemporâneos, ou seja, sujeitos presentificados.

### **1. Homens e Mulheres que envelhecem: sujeitos e agentes da história**

Percebe-se homens e mulheres velhos como inseridos em contextos mais amplos e que ao longo de suas trajetórias de vida constroem seus processos de envelhecimento, portanto, como Simone de Beauvoir (1990), afirmamos que não nos tornamos velhos de uma hora para a outra, mas “envelhecemos” ao longo dos anos. Entender a velhice como um processo, significa recuperar a dimensão da “totalidade” da vida dos homens que envelhecem. Portanto, a questão da idade não deve ser compreendida somente como um dado biológico, mas como uma construção social que tem um papel fundamental na organização da sociedade e na construção das identidades sociais e individuais. As idades são definidas por experiência social, histórica e, acrescentemos, espaciais, portanto, social e natural, influenciadas por diferenças culturais e materiais com as quais o ser que envelhece convive em determinadas sociedades. Essas experiências como observa Thompson (1980), na sociedade capitalista, são estruturadas segundo “classes”, portanto, estão vinculadas à vida material, mas não exclusivamente a essa. Embasados nas concepções desse mesmo autor, pode-se dizer que reconhecer a questão econômica como determinante na questão da classe, não significa desassociá-la das concepções de cultura, valores, trajetórias, que também definem as experiências do “ser social”.

A ‘experiência’ [...] foi, em última instância, gerada na ‘vida material’, foi estruturada em termos de classe, e, conseqüentemente, o ‘ser social’ determinou a ‘consciência social’. [...] As maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer ‘agora’, ‘manipula’ a experiência desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita da determinação. (THOMPSON, 1980, p. 189 – grifo do autor)

É essa mesma concepção que Karl Marx toma como um dos pilares de sua teoria, qual seja, a afirmação de que os homens fazem a história a partir de circunstâncias e condições previamente dadas: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com quem se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (KARL MARX, 1969, p. 17).

Destaca-se que essas condições são o somatório, não inerte, das forças produtivas, estrutura social e formas de pensamento que conduzem a produção e reprodução da sociedade. Assim, afirma-se como Heller (1970, p.12) que “a história, [...], é a substância da sociedade”; e que a sociedade é um “complexo determinado, com um método de produção determinado, apresentando ainda classes, camadas, formas mentais e alternativas igualmente determinadas” (ibidem). E ainda, como Hobsbawm (1998), assegura-se que, a sociedade é um sistema de relações entre grupos humanos, e que o “modo de produção” é o que alinha e orienta essas relações, ou seja, determina as forças presentes nestas relações. Não se deve perder de vista, entretanto, que essas determinações também são criações do homem, “sujeito-social”, que, por ausência da consciência de sua capacidade criadora sente-se aprisionado nas estruturas de sua própria criação.

Pode-se, dessa forma, afirmar que, tanto a existência social do homem e suas condições objetivas de vida determinam sua visão de mundo, quanto essa visão de mundo tem influência sobre aquela. Assim, as circunstâncias sobre as quais os homens produzem a história não podem ser separadas de sua própria essência humana, que como salienta Marx “[...] não é algo abstrato, interior a cada indivíduo isolado. É em sua realidade, o conjunto das relações sociais”. (Marx apud IAMAMOTO, 2001, p. 46).

Os homens aspiram certos fins e esses são determinados pelas circunstâncias que modificam os esforços e aspirações que influenciam nos resultados alcançados, sendo essas circunstâncias também resultantes das “[...] relações e situações sócio-humanas mediatizadas pelas coisas” (HELLER, 1970, p.1). Portanto, a essência humana é fruto do processo histórico, constrói-se e se modifica ao longo do tempo, determinada a partir da colisão dos valores, da moral e dos costumes herdados do passado, moldados pelas e nas diferentes ‘esferas sociais’ das quais os homens participam: família, trabalho, religião, estrutura política e econômica, ciência, arte, gênero, etnia, etc.

## **1.2. Homens e mulheres que envelhecem: mãos que tecem a história.**

Salienta-se que a compreensão que nutre todas as reflexões apresentadas neste artigo é a de que a totalidade da vida dos homens e mulheres que envelhecem é uma construção sócio-histórica-espacial e cultural. A partir dessa concepção compreende-se que esses homens e mulheres têm as relações sociais como elemento fundamental da construção de sua essência, e que são hoje sem dúvida o resultado, não definitivo, das experiências sociais vividas ao longo do tempo, somadas às adquiridas no presente na sociedade na qual estão inseridos e da qual também são sujeitos.

Quando se fala sobre construir a história não se pode desconectar esse processo do espaço/território a partir do qual os homens e mulheres a constroem e das memórias/lembranças tecidas e estruturadas também a partir desses. Desse modo, afirmamos como Lins de Barros (1995, p. 96), que “a memória depende do lugar que o indivíduo ocupa”. Salientamos que todas as histórias lembradas e narradas pelos homens e mulheres que envelhecem contam não só a história do “tempo passado”, mas, essencialmente, nos ajudam a compreender o tempo presente desses, com sua complexidade característica. Desse modo, a experiência é compreendida como o bem mais precioso adquirido por esses “sujeitos” ao longo de suas vidas, assim, como representação viva da história. Assim, reconhecem-se como construtores experientes da história, não de forma autônoma, mas através da interação entre o individual – o eu – e o coletivo – a sociedade -, em um diálogo constante.

A partir dessa interação esses homens e mulheres constroem suas identidades, não como algo unívoco, definitivo, mas como dialético, que se produz e reproduz ao longo do tempo e do espaço, portanto, uma identidade histórica. Dessa forma, esses sujeitos preenchem os espaços entre o mundo privado e o mundo público e costuram “[...] o sujeito à estrutura” (Hall, 2005, p.12), a partir do “alinhavo” que entrelaça o subjetivo e o lugar que ocupam no mundo social, econômico e cultural. E esse lugar pode se relacionar até mesmo ao lugar definido pelo “ser homem” ou “ser mulher”. Lugar esse que estrutura concepções de mundo diferentes e, portanto, diálogos e “costuras” também distintas nas construções de suas identidades.

### **1.3 – Memória e percepção sobre o ser velho**

Neste subitem busca-se estabelecer uma relação entre memória e construção da identidade social definida no processo de envelhecimento. Ou seja, trazer à tona a substância social da memória - as relações, os objetos e as emoções que a gestam e a sustentam. Nosso objetivo é compreender o caráter revolucionário da memória, expresso em sua potencialidade de transformação do tempo presente e projeções futuras.

Cabendo-nos ressaltar que o fio condutor de nossas reflexões está na concepção da memória como um processo coletivo. Fato que não anula a subjetividade do sujeito que a narra, mas que nos leva a afirmar que, mesmo em nossas elaborações mais individuais, há um “lastro comunitário” (BOSI, 1994, p. 407) de que nos servimos para constituir nossos trabalhos de rememoração.

Abordar a memória como um processo está intimamente interligado à concepção da velhice como histórica e culturalmente definida, que transcende o estatuto biológico e se situa como uma construção social. Na atualidade, essa “construção” é atravessada pela ideologia da *terceira idade* que delimita uma nova dinamicidade para o envelhecimento e a velhice (Haddad, 1986). Nesse contexto de profundas alterações no processo de definição da identidade do *ser velho*, no qual há uma imposição incontestável do novo sobre o antigo, do presente sobre o passado, a memória e a lembrança perdem seu valor intrínseco como elos entre os sujeitos e o passado, visto que a sociedade contemporânea é marcada pela valorização da inovação e do conhecimento novo, que subestima e relega as tradições, as experiências e as sabedorias ancestrais. Nela, o valor está na inovação permanente e no projeto individual de vida, de realização profissional, econômica e social.

Compartilha-se da concepção sobre memória que a toma como uma possibilidade de afirmação desses sujeitos no tempo presente, ou seja, como umnexo entre o sujeito e o seu mundo, entre o subjetivo e o social. Como destaca Ferreira (1998),

discutir o papel da memória no processo de envelhecimento significa, [...], abordar o lócus privilegiado de construção da identidade do ser velho e as estratégias de afirmação nos espaços sociais. Refletindo todo um universo de representação e significados, a memória, atualizada pela categoria lembrança, constitui, ela própria, uma representação que os sujeitos fazem de sua própria vida. (p. 208)

Dessa forma, a ausência da memória, é um temor presente nas construções narrativas de quase todos os velhos nos tempos atuais, pois representa a quebra desse nexo entre o indivíduo e o social, a perda de sua trajetória social, de sua história pessoal, e de suas referências de pertencimento ao mundo dos significados sociais (FERREIRA, 1998). Os déficits de memória (ou *problemas de cabeça* como comumente apresentados) são tomados como representações do processo de envelhecimento, como marco da velhice que muitas vezes querem negar, como o comprometimento da pessoa social e o ingresso dessa no universo dos socialmente discriminados.

Cabe-nos destacar para agregar sentido às nossas discussões que a memória não é apenas um depositário passivo de acontecimentos e fatos, mas também um processo ativo de criação de significações, de seleção de pessoas, momentos e

sentimentos (DELGADO, 2002) que representa o esforço dos sujeitos que envelhecem em buscar sentido no passado e dar formas às suas vidas no contexto histórico em que está inserido no presente. Assim, ao revisitarem o passado, esses homens e mulheres velhos procuram estabelecer os elos que ligam cada um dos muitos fatos vividos entre si, não como acontecimentos isolados, mas como um todo integrado<sup>4</sup>, não como um tempo linear, mas complexo, “multifurcado”, heterogêneo, que representa o seu próprio “fazer-se na história”, e, dessa forma, esses narradores se reconhecem como detentores de saberes e experiências que lhes são únicas, muitas vezes as relacionando ao tempo vivido, ao próprio processo de envelhecimento.

Salientamos que é possível capturar nos trabalhos de rememoração dos homens e mulheres velhos narradores em potencial (BENJAMIN, 1994), o tempo cheio de conteúdos que forma a substância da memória e que não pode ser medido pelo compasso abstrato dos ponteiros do relógio nem vasculhados sintaticamente. Esse “tempo vivido”, “tempo cheio” (contrário ao “tempo vazio” da produção capitalista) corre com “diferente exatidão” para grupos sociais diferentes: para os homens, para as mulheres, para as crianças, para os jovens, para os adultos, para os velhos, para os trabalhadores, para os desempregados, para os aposentados, para os solitários, para os pobres, para os ricos, etc. Entretanto, com essas colocações, não se quer desconsiderar o “tecido histórico que sustenta os fatos” (BOSI, 2003, p. 15) que não pode ser desfeito numa exaltação sucessiva das particularidades e pontualidades, pois como sustenta Halbwachs, “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (idem, 1994, p. 413). Essa memória coletiva, visto que também é produzida, traz consigo as marcas do grupo que a constitui, sendo assim, muitas vezes, absorvida como ideologia pelo indivíduo. Como observa Bosi (2003, p.22) “é preciso sempre examinar matizando os laços que unem memória e ideologia; laços que antes da secularização moderna, amarravam a memória pública à memória individual.” O ato de lembrar tem por ponto de partida a contemporaneidade, e por meio desse é possível estabelecer e/ou compreender os “elos sociais” que entrelaçam os sujeitos e a sociedade na qual estão inseridos.

Feitas essas considerações, é interessante apontar que a memória é também um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos ou indivíduos que “decidem” o que deve ser lembrado ou esquecido e, dessa forma, perpetuam o controle de uns sobre os outros. Assim, como observa Pollak (1989, p. 15) “[...] mesmo no nível individual o

---

<sup>4</sup> O passado humano como um não agregado de histórias separadas é uma das oito proposições da lógica histórica apresentada por Thompson em sua obra “A miséria da Teoria ou um planetário de erros” (THOMPSON, 1980, p.50) na qual critica as construções de Louis Althusser.

trabalho da memória é indissociável da organização social da vida. ” Não queremos dizer com isso que não há uma “memória pública” da qual todos os indivíduos compartilham, apenas não se pode deixar de salientar que a respeito das representações coletivas, a classe mais influente deixa sempre suas marcas (BOSI, 2003).

Tomando a memória para além de uma construção social, como uma forma de conhecimento sobre o mundo que a constituiu, como requer Benjamim (1994), é possível estabelecer uma análise crítica do passado que está contido no presente (portanto, coexiste a esse), e decodificar as “construções sociais”, deixando aparentes as desigualdades, injustiças e contradições ocorridas ao longo da história. E é nessa “construção crítica” do passado, possibilitada pelo processo de rememoração, que está o caráter revolucionário da memória, ou seja, a possibilidade de transformação do tempo presente e de projeções para o tempo futuro.

Ao que diz respeito especificamente ao processo de envelhecimento e à velhice, esse resgate do passado, a partir de uma visão crítica, permite-nos desfazer uma série de estereótipos negativos associados a essa etapa da vida ao longo da história e perpetuados culturalmente, bem com “devolver” ao velho a importante função social de “detentor e transmissor” da memória coletiva/pública. A memória é assim, uma forma de resistência à desvalorização e degradação social imposta aos velhos na sociedade capitalista contemporânea, pois ressuscita valores, crenças e éticas de um tempo presente também no “presente”.

Portanto, nosso grande desafio é compreender a memória como algo que está acontecendo agora, construído por nós enquanto coetâneos e não apenas como uma fonte de preservação das informações, ou seja, reconhecê-la como um processo histórico. Ou, como Portelli (2000) “[...] como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você ‘recorda’ a história, mas memória ‘como’ história” (p.69). Dessa forma, o tempo da memória é o tempo apreendido das ações passadas e das realizadas no presente, por isso, diverso em cada pessoa, ainda que absorvido pelo “tempo social”. A memória é, pois, um trabalho sobre o tempo, mas o tempo vivido, concebido e transformado pela cultura e pela própria experiência individual (BOSI, 2003).

Assim sendo, pode-se afirmar que há experiências múltiplas de tempo e de espaço e que entre os homens e mulheres velhos a concepção sobre o tempo presente – o tempo da velhice - é quase sempre evidenciada como aquele no qual já não há mais espaços para realizações e ilusões cotidianas, tal concepção está intimamente relacionada à posição que, como velhos, ocupam na contemporaneidade na suposta “linha da vida”, que os aproximam da morte e retiram suas perspectivas de futuro: é como se na juventude o tempo passasse mais lentamente e “o caminho à frente” fosse longo, já

na velhice, o tempo passaria mais rápido e o “caminho à frente” seria sempre curto. Como observa Simone de Beauvoir (1990, p.460):

A partir de um certo limiar, variável de acordo com os indivíduos, o homem idoso toma consciência de seu destino biológico: o número de anos que lhe restam para viver é limitado. [...] Esse prazo lhe parece tragicamente curto, porque o tempo não corre do mesmo modo nos diversos momentos de nossa existência: ele se precipita à medida que envelhecemos.

Sabe-se, no entanto, que o que muda não é a velocidade desse passar do tempo, mas a percepção que temos desse movimento não linear e não seguro e a nossa inserção sobre ele. Tal constatação é contrária à noção do tempo como uma flecha apontada para o futuro, a partir da qual cronologicamente se construiria a história. Assim, a fuga do tempo presente depende, em grande parte, do seu conteúdo, dos espaços de inserção que disponibilizamos para enchê-lo ou esvaziá-lo de sentido, enfim, dos instrumentos e possibilidades de construir o presente e projetar o futuro a partir de uma relação dialética com as circunstâncias que nos são dadas.

Dito isso, destaca-se a importância dos homens e mulheres velhos como detentores do “sagrado” papel de produtores e transmissores de conhecimentos para as gerações mais jovens, durante muitos anos em nossa sociedade. Portanto, um dos agentes fundamentais de transmissão dos valores ancestrais e da memória coletiva, ou seja, portadores da “faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.198) que é inerente à figura do “narrador”.

Segundo Benjamin (1994), na sociedade contemporânea, industrial e de serviço, marcada pela valorização da inovação e do conhecimento novo, que subestima e relega as tradições, as experiências e sabedorias ancestrais, exceto quando operam no sentido de sua expansão e progresso, o trabalho artesanal de narrar histórias está em vias de extinção. Esse mesmo autor destaca que, “uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações e experiências estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (BENJAMIN, 1994, p.198). Entretanto, ressalta que mesmo que a desvalorização da sabedoria e da experiência seja um fato bastante visível no contexto atual, esse é um processo “[...] concomitante com toda uma evolução secular das forças produtivas” (p.201) e, portanto, não exclusivo dos dias atuais. Benjamin (1994) adverte que “morre” a arte de narrar porque “morre” a capacidade de “escutar histórias”, de aprender com os conhecimentos e as experiências. Utilizando-se das palavras de Paul Valéry – “O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado” – Benjamin (1994) ressalta que o advento da noção da não eternidade torna os homens impacientes com os



trabalhos longos como o desempenhado no exercício narrativo, visto que lembrar exige refazer, reconstruir, repensar.

### **1.5 – Considerações finais:**

Ao narrarem suas trajetórias os homens e mulheres velhos revelam seus “sentimentos no mundo” e estabelecem suas relações com a história, entrelaçando os fios que os unem ao passado e ao presente e definem as formas de experimentarem e viverem concretamente o contemporâneo, ou seja, a velhice. É a partir do exercício de construção de suas identidades, realizado no ato de intercambiar memórias, que os homens e mulheres vão definindo, numa relação dialética com o “fazer-se coletivo” da história, seus lugares no presente e suas projeções para o futuro. As memórias dos velhos, portanto, expõem a heterogeneidade do processo de envelhecimento delimitada através das contradições entre universalidades e particularidades, e revelam as diversas inserções sociais que compõem suas experiências: ser mulher, ser homem, ser pai, ser mãe, ser marido, ser esposa, ser trabalhador, ser pobre, ser rico, etc.

Alinhando as discussões tecidas aqui às condições reais de vida dos sujeitos que envelhecem na sociedade capitalista contemporânea, destaca-se que as representações sociais da velhice predominantes hoje na sociedade, ora classificam essa etapa da vida como um “problema” e associam os sujeitos que a ela pertencem à doença, à incapacidade, à dependência e a fragilidades físicas, emocionais e financeiras, bem como a outros estereótipos negativos, ora os englobam indiscriminadamente na concepção dessa como uma etapa de realizações de sonhos, de novas aprendizagens, de conquista de autonomia, liberdade e independência. E são em torno dessas representações aparentemente antagônicas da velhice que se gestam todas as propostas de ações, projetos, programas e políticas para os homens que envelhecem na sociedade moderna contemporânea. Sendo assim, classificamos essas concepções como “aparentemente antagônicas”, pois, ambas negam a velhice como um processo, uma etapa natural da vida, resultado das condições reais – materiais e culturais - da sociedade complexa e desigual na qual esses homens e mulheres tecem suas histórias, não respeitando, portanto, a heterogeneidade desse processo. E, especialmente, essas representações, ao não reconhecerem a velhice como um processo, uma construção socioeconômica e cultural, responsabilizam o sujeito que envelhece por sua própria velhice, tornando-os, muitas vezes, inimigos de si mesmos.

Como envelhecer não é uma opção, é fato, é natural, é resultado de um contínuo histórico rico em contradições, em mutações, em desorganizações, que se faz a partir da

relação dialética estabelecida entre os homens e as circunstâncias que lhes são dadas, o maior desafio que o envelhecimento traz para a sociedade contemporânea está em rever e reinventar as “trajetórias pessoais de vida” que, como constatado, são marcadas pela dinâmica socioeconômica e cultural e pelo lugar que ocupam cada um desses sujeitos na coletividade.

Assim, o progressivo envelhecimento da população e o surgimento de novas necessidades decorrentes desse processo, relacionadas às condições históricas e estruturais em que esse é construído, trazem à tona, ou melhor, ressaltam que o envelhecer não está relacionado apenas a questões biológicas, mas também econômicas, sociais e culturais, colocando em xeque a organização e reprodução da sociedade capitalista. Como observa Beauvoir (1990), é preciso recriar e refazer todas as formas de relações entre os homens, valorizando-os em cada uma das etapas de suas vidas, se quisermos que, na velhice, esses desfrutem de qualidade e condição de vida dignas.

Para finalizar, ressaltamos que se faz necessário viver intensamente o “tempo presente”, que contém o “tempo passado” e os projetos para o futuro, atentos às injustiças, desigualdades e contradições, bem como, às lutas e esperanças dos sujeitos que o constroem. Pois dessa forma resgataremos os elos entre passado, presente e futuro, unindo-os como parte de um “mesmo tecido social”.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política**. Editora Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CUNHA, Estela Saléh da. **Velhices: múltiplas faces de um processo socialmente construído**. 2008. 246 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social – PPGSS, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

\_\_\_\_\_.; Política de Atenção à velhice : pressupostos e significados; uma análise sob a ótica cultural. In **Revista Libertas**: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Serviço Social v 2, n.2, jul./dez. de 2002 – v.3, n.1 e n.2,

jan./dez. de 2003. Juiz de Fora : ed. UFJF, 2003 (impresso em 2005). p. 187 – 202

\_\_\_\_\_ ; SILVA, F.M da. **Representações Sociais da Velhice**: O Processo de Envelhecimento sob a Ótica do Idoso. 2000. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Faculdade de Serviço Social, Juiz de Fora, 2000.

DEBERT, Guita Grin. A Construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. in: NERI, Anita Liberalesso, \_\_\_\_\_ (orgs). **Velhice e sociedade**. Campinas : Papirus, 1999. p.41-69

DELGADO, Josimara. Memória e Contemporaneidade: a experiência dos velhos trabalhadores aposentados. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v.1, n.6, p. 122-41, 2002.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes. **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 207-222.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**.(Tradução de Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro , 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. [tradução: Tomaz Tadeu da Silva] Rio de Janeiro : DP&A, 2005.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. (Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HOBBSAWM , Eric. Sobre História. (Tradução de Cid Knipel Moreira). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IAMAMOTO, Marilda Vilella. **Trabalho e indivíduo social**: um estudo sobre a condição operária na agroindústria canavieira paulista. São Paulo: Cortez, 2001.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: \_\_\_\_\_ (org). **Velhice ou terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. P. 113- 168

\_\_\_\_\_. O passado no presente: aos 70 falando do Rio de Janeiro. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. UERJ/NAI, ano 3, n° 4, 1995.

\_\_\_\_\_. **Autoridade e afeto** ; avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais da velhice**. /s.n.t./.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: GUARESHI, Pedrinho A, JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995. 4ªed. p 89-111.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol.13, n25/26, setembro de 1992/1993. p 55-65

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In **Estudos Históricos**, vol.2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989, p. 03-15

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC, 2000. p 67-71.

\_\_\_\_\_. Forma e significado na História oral. A Pesquisa como um experimento em igualdade. (tradução Maria Therezinha Janne Ribeiro) in **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós graduados em História e do Departamento de História da PUC – São Paulo**, n. 14, Brasil, 1997. p. 7-24

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Uma crítica ao Pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.